

Tendências/Debates

ANC 88

Pasta 06 a 10

Junho/88

080

Os artigos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

PMDB — a luta continua

MARCELO MIRANDA



A polêmica sobre os destinos do PMDB, reaberta por ocasião da votação do sistema de governo e do mandato dos futuros presidentes, ingressa, agora, em seus momentos decisivos, depois que se fixou, em cinco anos o mandato do presidente Sarney. A chamada "dissidência" assume forma mais concreta e fala em criar novo partido. Para esses poucos que abandonam o barco, o PMDB teria, já, esgotado seu papel e se trataria, portanto, de recomeçar tudo de novo num partido novinho em folha.

Além de estarem agindo precipitadamente e sob o calor da emoção, esses companheiros estão, a meu ver, redondamente equivocados na avaliação que fazem sobre o futuro do PMDB. O mais provável é que, antes de se haver esgotado o papel do partido, esses companheiros, que muito deram de si no passado, é que estão tendo dificuldades em dar sua contribuição nos novos tempos que vivemos. O ideal seria que todos prosseguíssemos juntos. Mas, na verdade, é bem mais difícil, complexo e árduo o trabalho de construção do novo do que o de destruição do velho.

Ninguém tem dúvida de que o partido cumpriu exemplarmente seu papel no período da resistência democrática. Foi ali que ele se forjou e cresceu, quantitativa e qualitativamente, no bojo das lutas populares. E foi ali que se forjaram grandes e importantes lideranças políticas. A empatia que se estabeleceu entre o partido e o povo foi tamanha que, mesmo quando se extinguíram os partidos, em 1979, o PMDB prosseguiu, revigorado, com o acréscimo do "P" de partido.

As dificuldades surgiram quando, vencida a etapa da resistência democrática, deflagrou-se a luta aberta pelo fim do regime ditatorial e, conseqüentemente, pelo poder. Foi essa a natureza das eleições de 1982. Com a vitória do PMDB nos principais Estados da federação, conformou-se no país uma espécie de dualidade de poderes, em que o antigo regime permanecia governando a nível federal, mas as forças da democracia detinham, não apenas os principais governos estaduais, como a possibilidade de encerrar o regime no Congresso Nacional. Pois bem, para alcançar aquele resultado favorável nas eleições, era necessário ampliar forças, o que só era possível através da incorporação do PP ao PMDB. E todos se recordam como, já naquele momento, muitos destes que querem sair agora

tiveram dificuldade em assimilar a inquestionável necessidade da incorporação.

As mesmas resistências ressurgiram, desta vez com mais veemência, quando, em 1984, derrotada a possibilidade de eleições diretas para presidente, emergiu, como única alternativa para o enterro pacífico do autoritarismo, a participação, com a chapa Tancredo-Sarney, no instrumento criado para perpetuar o antigo regime — o famigerado Colégio Eleitoral. O povo entendeu essa necessidade, as principais forças democráticas também; mas, uma vez mais, muitos dos que agora querem sair resistiram até o último momento.

Ora, muito mais difícil do que o trânsito do regime ditatorial para o democrático é a construção, consolidação e aperfeiçoamento da nova ordem econômica, social e política, principalmente quando esse processo tem que se dar em meio a uma profunda e nefasta crise, herdada do passado. Quem não se lembra de que, diante das primeiras dificuldades da transição, ainda pelos idos de 1985, alguns já começaram a se impacientar? E quem não se lembra de que, pouco antes da decretação do Plano Cruzado, houve quem chegasse a propor o rompimento com o governo Sarney?

Seguramente, as dificuldades persistem, mas qualquer um que se dedique a um balanço sério, objetivo, sem paixão, há de concluir, serenamente, que o saldo desse período de transição é positivo. No primeiro ano, instaurou-se o maior clima de liberdade da nossa história; no segundo, importantes e decisivos ganhos econômicos e sociais foram conquistados, desperdiçados, não pelo Cruzado, mas por seu oposto, o Cruzado 2; e, do terceiro para cá, apesar das dificuldades econômicas, o avanço do país prossegue com o inestimável trabalho que vem realizando a Constituinte, inquestionavelmente sob a direção do maior partido ali representado — o PMDB. A Constituinte está, na prática, corporificando no novo texto constitucional as bandeiras pelas quais o PMDB vem se batendo desde o período de resistência: instituiu o regime de liberdade mais avançado da nossa história, uma ordem econômica que prioriza a capacidade nacional de desenvolvimento e importantes direitos trabalhistas e sociais.

O PMDB está, portanto, cumprindo seu papel mudancista na Constituinte. O grande e fundamental papel do partido, concluídos os trabalhos constituintes, será, indubitavelmente, transpor essas conquistas do papel para a realidade viva. De imediato, é

indispensável que o partido siga contribuindo, como fez até aqui, para a conclusão satisfatória do processo de transição, cuja tranquilidade passa a depender, de forma decisiva, do respeito à nova Constituição e da melhoria das condições econômicas. É a essa importante tarefa que, definido o seu mandato, deve dedicar-se o governo Sarney, de corpo e alma, no período que lhe resta.

Nem tudo, evidentemente, são flores nesse processo de transição e na ação do PMDB nesse período. Como era natural, muitas debilidades se manifestaram na mudança de partido da resistência para partido no governo. A debilidade principal foi não haver conseguido decodificar as bandeiras de luta num programa de governo objetivo, preciso e factível de aplicação, e unido todas suas correntes substantivas para respaldar o governo na implementação desse programa. Mas, aí, a responsabilidade é de todos nós. Essa debilidade foi, em grande parte, compensada pelo bom trabalho feito na Constituinte e pela garantia da continuidade da transição dirigida pelo presidente Sarney. E deve ser superada na próxima convenção do partido.

É essa compreensão do processo que vivemos que me leva a afirmar que, no fundamental, o PMDB permanecerá unido. Alguns sairão, mas, mais por motivações regionais ou inadaptação ao fato de ter que governar, do que por alegado desvio de rota do partido. De nada teria adiantado varrer o autoritarismo de nosso país se não tivéssemos a competência para administrar e reconstruir esta nação. Infelizmente, uns poucos parecem haver gostado tanto do glorioso período de resistência democrática que querem seguir resistindo, quando o que a nação exige de todos nós são ações concretas, destinadas a tirar o Brasil do atraso, do subdesenvolvimento, da miséria. É essa a nossa grande responsabilidade. O povo não pode mais esperar que se recomece tudo de novo. E só tem a lamentar que nem todos comuniquem dessa pressa. E, para aqueles que se apressam a vaticinar o fim da empatia entre o PMDB e o povo, um lembrete final: a última pesquisa nacional do Ibope, publicada na "Isto é" de 18 de maio, indica uma preferência popular de 35% para o PMDB contra 39% para todos os demais partidos somados.

MARCELO MIRANDA SOARES, 49, engenheiro civil, é governador de Mato Grosso do Sul; foi senador da República e prefeito da cidade de Campo Grande (MS).